Lição 12: O primeiro motor não é movido, mas é único e perpétuo

1069. Tendo mostrado que nas coisas movidas por outro não há um processo ao infinito, mas é necessário chegar a um primeiro que ou é imóvel ou é motor de si mesmo, e tendo mostrado que, de uma coisa que move a si mesma, uma parte é um motor imóvel, e que, consequentemente, em ambos os casos há um primeiro motor que é imóvel, agora, porque entre os automotores que existem entre nós, a saber, os animais perecíveis, acontece que a parte causadora do movimento na coisa que move a si mesma é perecível e movida *per accidens*, a saber, a alma, o Filósofo deseja mostrar aqui que o primeiro motor é imperecível e não é movido nem *per se* nem *per accidens*. Sobre isso ele faz duas coisas:

Primeiro propõe o que pretende;

Segundo, prova isso, em 1072.

Sobre o primeiro ele faz três coisas:

Primeiro revisa o que foi manifestado anteriormente;

Segundo, omite algo que parecia útil para sua proposição, em 1070;

Terceiro, explica sua proposição, em 1071.

Ele diz portanto primeiro (838) que foi mostrado acima que o movimento sempre existe e nunca falha. E como todo movimento provém de um motor, e nos motores não há processo ao infinito, é necessário que haja um primeiro motor. E como ainda não foi provado que o primeiro motor é um, ele por isso deixa em dúvida se é um ou muitos. Além disso, foi mostrado que o primeiro motor é imóvel, seja ascendendo do movido aos motores até chegar-se imediatamente a um primeiro motor imóvel, seja aquilo a que se chega é um primeiro motor que move a si mesmo, do qual uma parte é um motor imóvel.

1070. Alguns opinaram que todos os princípios motores nas coisas que movem a si mesmas são imperecíveis, pois Platão postulou que todas as almas dos animais são perpétuas. E se essa opinião fosse verdadeira, Aristóteles teria sua proposição imediatamente confirmada, no que diz respeito à eternidade do primeiro motor. Mas a opinião de Aristóteles é que, entre as partes da alma, apenas o intelecto é imperecível, ainda que outras partes da alma sejam motoras.

Consequentemente, ele omite isso em (839) onde diz que, no que diz respeito ao argumento presente, não importa se cada um dos princípios que movem a si mesmos e são imóveis é imperecível, ainda que alguns tenham postulado isso ao postular que todas as almas são imperecíveis. E ele diz que isso não afeta o argumento presente, porque provará sua proposição sem usar essa suposição.

1071. Então em (840) ele explica o que pretende provar. E diz que, considerando as coisas que se seguem, pode ficar claro que, ainda que nem todo motor imóvel seja imperecível, deve haver algo imóvel de tal modo que de nenhuma maneira seja movido de fora, nem absoluta nem *per accidens* , e contudo seja motor de outra coisa.

Quando ele diz "imóvel com respeito a qualquer mudança externa", não pretende excluir um movimento, i.e., uma operação, que está no operante no sentido de que entender é chamado de "movimento", e no sentido de que o apetite é movido pelo objeto desejável. Um movimento desse tipo não é excluído do primeiro motor que Aristóteles está discutindo.

1072. Então em (841) ele prova o que havia dito, a saber, que existe um primeiro motor que é eterno e totalmente imóvel.

Primeiro ele prova isso através dos automotores que ora existem e ora não existem;

Em segundo lugar, através de princípios motores que ora causam movimento e ora não, (L. 13).

Sobre o primeiro, ele faz três coisas:

Primeiro mostra que deve haver um primeiro motor que seja eterno;

Em segundo lugar, que tal motor deve ser um, e não múltiplo, em 1075;

Em terceiro lugar, ele mostra ambos ao mesmo tempo, ou seja, que há um primeiro motor e que ele é eterno, em 1076.

Sobre o primeiro, ele faz duas coisas:

Primeiro rejeita um argumento pelo qual alguns poderiam tentar provar esta proposição;

Em segundo lugar, ele prossegue para explicar sua proposição, em 1074.

1073. Ora, alguém poderia proceder da seguinte forma (841): Tudo o que não pode ora ser e ora não ser é eterno; mas o primeiro motor, sendo imóvel, como foi mostrado acima, não pode ora ser e ora não ser, pois tudo o que é assim é gerado e deixa de ser, o que implica que está sendo movido. Portanto, o primeiro motor é eterno.

Mas Aristóteles não dá importância a este argumento, porque alguém poderia dizer, se quisesse, que em algumas coisas acontece que ora existem e ora não, sem serem geradas ou deixarem de ser, falando *per se*, e consequentemente sem serem movidas *per se*. Pois se algo não divisível em partes, que é, a saber, não composto de matéria e forma, ora está de certa maneira e ora não está,

então necessariamente toda coisa desse tipo – sem qualquer mudança própria – ora existe e ora não existe, como se pode dizer de um ponto, e da brancura, e de qualquer coisa deste tipo, pois foi mostrado no Livro VI que tudo o que é movido pode ser dividido em partes, e na *Metafísica* VII que tudo o que é gerado é composto de matéria e forma. Tais coisas não divisíveis, portanto, não são geradas nem mudadas *per se*, mas *per accidens*, quando outras coisas são geradas ou mudadas.

Disto também fica claro que, se algo não é movido nem *per se* nem *per accidens*, é eterno; e que, se é eterno, não é movido nem *per se* nem *per accidens*, na medida em que é eterno. Se, portanto, concede-se que é contingente algo existir ora e não existir noutra ora, sem ser gerado ou deixar de ser, então que se conceda também que é contingente certos princípios motores imóveis, que são, no entanto, móveis *per accidens*, existirem ora e não existirem noutra ora. No entanto, não é de modo algum possível que todos tais princípios, que são motores e imóveis, sejam tais que existam ora e não existam noutra ora.

1074. Então em (842) ele prova sua proposição. E diz que, se algumas coisas que se movem a si mesmas existem ora e não existem noutra ora, então deve haver uma causa de sua geração e cessação-de-ser, pela qual elas existem ora e não existem noutra ora, porque tudo o que é movido tem uma causa de seu movimento. Mas o que existe ora e não existe noutra ora, se é um composto, é gerado e cessa-de-ser. Ora, uma coisa que se move a si mesma deve possuir magnitude, uma vez que é movida, e foi mostrado no Livro VI que nada indivisível em partes é movido.

Mas do que foi dito acima não se pode sustentar que seja necessário que o motor tenha magnitude, e assim não é movido *per se*, se existe ora e não existe noutra ora. Mas se há uma causa da geração e perecimento das coisas que se movem a si mesmas, então deve haver também uma causa para explicar que sua geração e perecimento continuem para sempre.

Mas não se pode dizer que a causa desta continuidade seja um daqueles imóveis que não existem sempre, nem se pode dizer que a causa da geração e perecimento eternos de algumas coisas que se movem a si mesmas são certos motores imóveis que não existem sempre, e disso, de outros, certos outros. E ele explica isto quando diz que nem um, nem todos eles podem ser a causa desta geração contínua e eterna.

Que um deles não pode ser a causa, ele prova assim: O que não existe para sempre não pode ser a causa do que é perpetuamente perpétuo e necessário. Que todos não podem ser a causa, ele prova pela razão de que todos tais princípios perecíveis, se a geração é perpétua, são infinitos e não existem todos ao mesmo tempo. Mas é impossível que um efeito dependa de uma infinitude de causas.

Novamente, coisas que não existem ao mesmo tempo não podem ser a causa de uma única coisa, embora se possa dizer que, quando as coisas não existem todas simultaneamente, umas dispõem e outras causam, como é evidente com relação às gotas que caem sucessivamente e desgastam uma pedra. Mas se um conjunto de coisas é causa direta de algo, elas devem existir todas juntas.

Portanto, fica manifesto que, se existem um milhão de princípios motores e imóveis, e se há muitas coisas que se movem a si mesmas, das quais algumas perecem e outras vêm a ser, e entre estas,

algumas são móveis e outras motoras, deve haver, no entanto, algo acima de todas elas que, por seu poder, contenha todas as coisas que são geradas e perecem da maneira mencionada, e que seria a causa da mudança contínua que as afeta, pela qual ora existem e ora não existem, e pela qual estas últimas são causa de geração e movimento para outras, e estas para outras ainda. Pois todo gerador é causa de geração para a coisa gerada, mas é a partir de algum primeiro princípio imperecível que os geradores perecíveis possuem a característica de serem causas de geração. Se, portanto, o movimento pelo qual algumas coisas ora existem e ora não existem é perpétuo, como foi demonstrado acima, e um efeito perpétuo não pode existir exceto a partir de uma causa perpétua, então, necessariamente, o primeiro motor é perpétuo, se é um; e se há mais de um primeiro motor, eles também são perpétuos.

1075. Em seguida, em (843), ele mostra que se deve postular um princípio perpétuo em vez de muitos. E diz que, assim como se deve preferir princípios finitos a infinitos, deve-se preferir um primeiro princípio a muitos. Pois, se os mesmos efeitos acontecem ou decorrem de postular princípios finitos como de postular princípios infinitos, deve-se assumir que os princípios são finitos em vez de infinitos, porque nas coisas que são segundo a natureza, a preferência deve ser dada ao que é melhor, se possível, pois as coisas segundo a natureza estão dispostas da melhor forma. Ora, um princípio finito é melhor que um infinito, e um é melhor que muitos. Mas um primeiro princípio imóvel, se é perpétuo, é suficiente para causar a perpetuidade do movimento. Portanto, não se devem postular muitos primeiros princípios.

1076. Em seguida, em (844), ele conclui do exposto que é necessário que haja um primeiro motor que seja imperecível.

E embora isso pareça suficientemente provado pelo que foi dito, alguém poderia objetar que a causa da continuidade da geração é um primeiro motor perpétuo de si mesmo, mas o motor disso não é perpétuo nem único, sendo movido por diversos motores, dos quais alguns deixam de ser e outros vêm a ser.

Mas isso ele pretende descartar, porque, se o movimento é perpétuo, como ele provou acima, então, necessariamente, o movimento do primeiro motor de si mesmo, que é postulado como a causa de toda a perpetuidade do movimento, é eterno e contínuo; pois, se não fosse contínuo, não seria eterno. No entanto, o que é sucessivo não é contínuo, enquanto que, para que um movimento seja contínuo, ele deve ser um; e para ser um, deve provir de um motor e em um móvel. Mas se o motor é um e outro, o movimento não será um movimento contínuo em sua totalidade, mas sim sucessivo.

Portanto, é absolutamente necessário que o primeiro motor seja uno e perpétuo. Mas um motor imóvel que é movido *per accidens* não é perpétuo, como foi dito acima. Resta, portanto, que o primeiro motor é totalmente imóvel, tanto *per se* quanto *per accidens*.

Revision #2
Created 27 September 2026 18:54:21 by Admin
Updated 1 October 2026 23:55:52 by Admin